

Charola do Convento de Cristo

IMPLANTADO NO ALTO DE UMA ELEVAÇÃO sobranceira à planície onde se estende a cidade de Tomar, o conjunto fortificado do Convento de Cristo, classificado como Património Mundial em 1983, integra a antiga capela castrol românica.

Composto pelo castelo e por uma série de outras estruturas de carácter militar, civil e religioso, com uma cronologia que se situa entre os séculos XII e XVII, o Convento de Cristo é um dos mais notáveis conjuntos edificados em Portugal. Aqui trabalharam os melhores arquitetos e artistas vinculados aos ciclos manuelino, renascentista e maneirista, como Diogo de Arruda, João de Castilho, Diogo de Torralva, Filipe Terzi, Olivier de Gand, Fernão Muñoz, Jorge Afonso, Gregório Lopes e Domingos Vieira Serrão, entre outros.

Remonta a 1159 a posse da região de Tomar pela Ordem dos Templários, quando o Bispo de Lisboa lhes doa a igreja de São Tiago de Santarém. No mesmo ano, D. Afonso Henriques entrega-lhes o castelo de Ceras (Alviobeira) com o seu amplo termo. O castelo de Tomar, localizado naquele termo, começaria a ser construído em

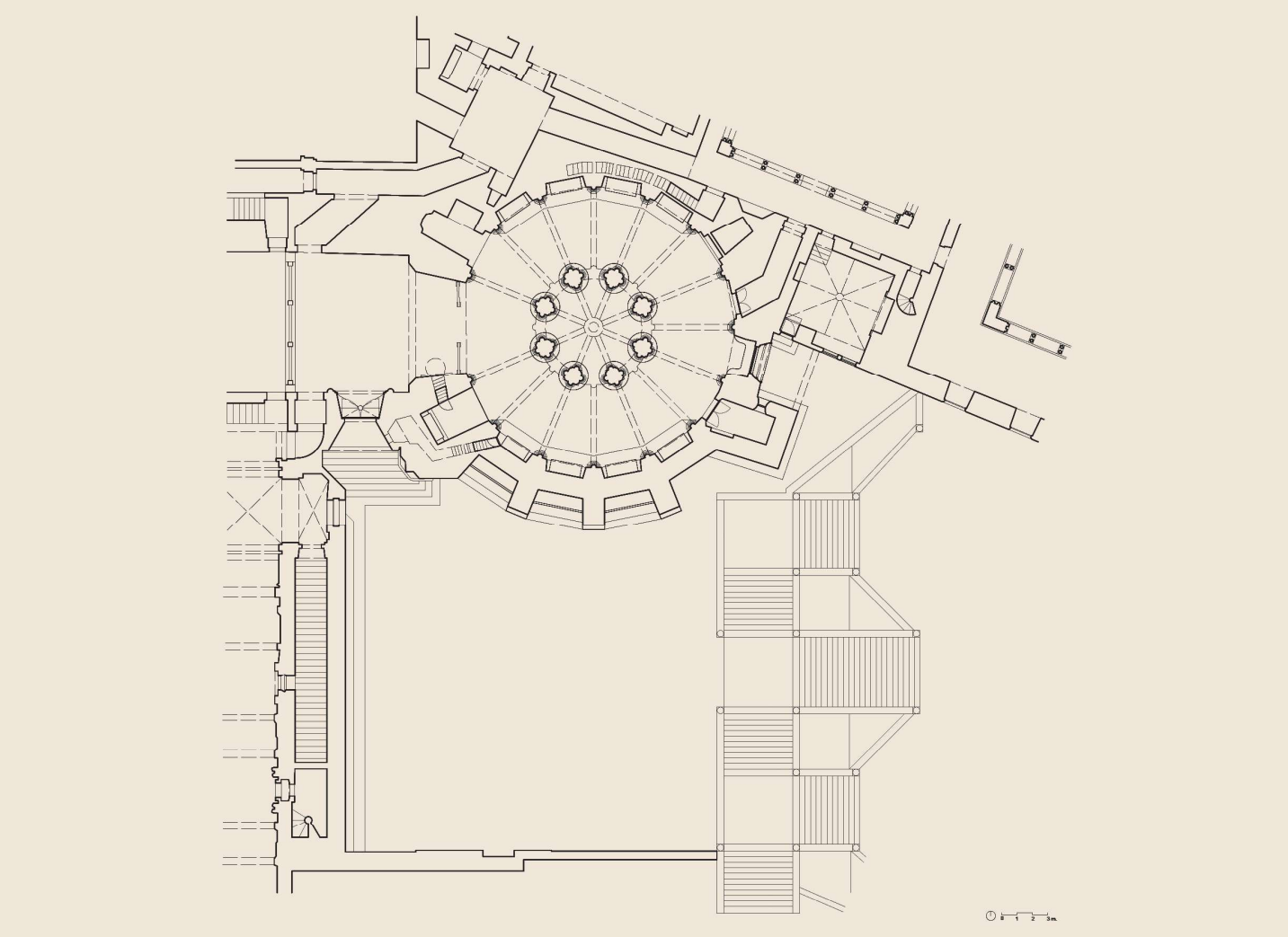
1 de março de 1160, como testemunha a epígrafe gravada em mármore e colocada na torre de menagem.

O templo, habitualmente designado por charola, foi construído em calcário. Apresenta exteriormente dois tipos de aparelho distintos. Nos contrafortes e nas parcelas das paredes que se situam acima das frestas foi empregue um aparelho regular, pseudo-isódomo. Nos panos murários, entre os contrafortes, e abaixo das frestas, o aparelho é irregular e de pedra miúda argamassada. As frestas, em arco de volta perfeita, foram abertas em panos alternados. No exterior, a igreja é rematada superiormente por uma cornija que assenta em cachorros de perfil gótico, sobre a qual se ergue um balcão coroadado por merlões. A sudeste ergue-se a torre sineira, em volume saliente, mas incorporado na construção. O seu coroamento deverá datar da época moderna. A sul abre-se um portal, entre dois contrafortes, obra de 1515 da autoria de João de Castilho.

A charola é composta por uma planta centralizada que conjuga dois volumes concêntricos: o exterior, com dezasseis faces e o interior, dotado de oito pilares com arcos formeiros muito altos, rematando em cúpula nervurada

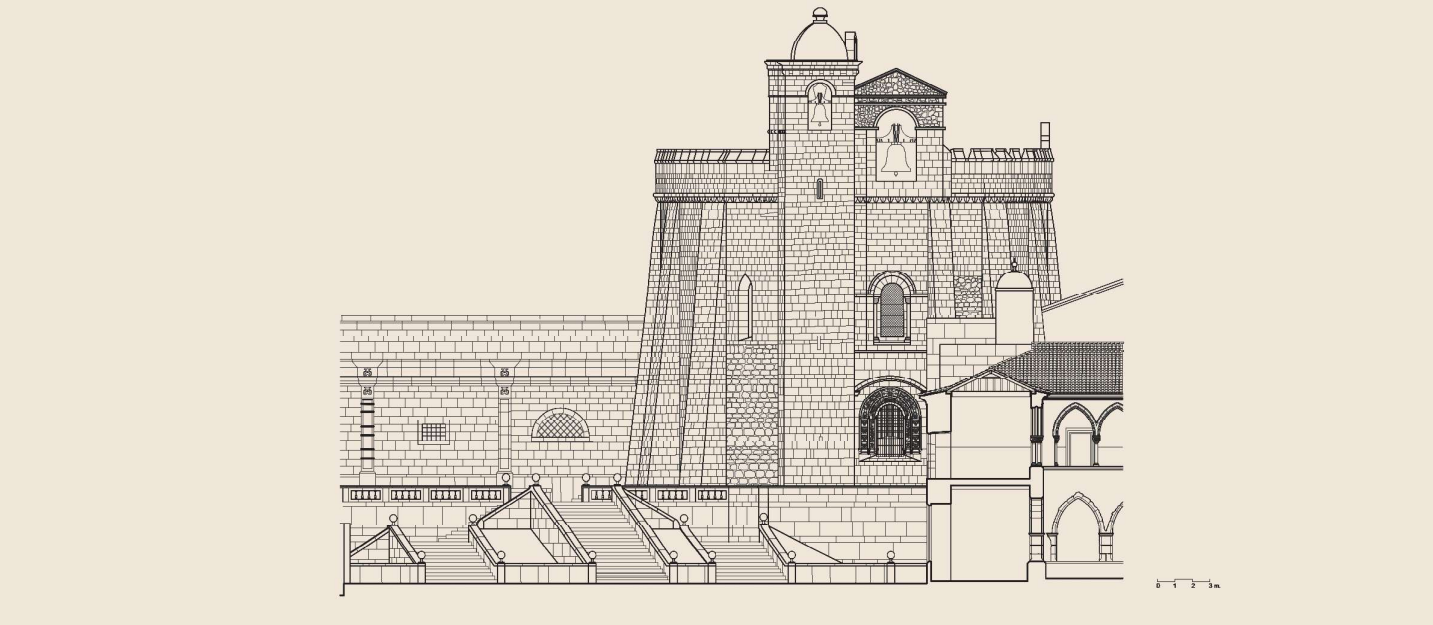
Perspetiva geral do Convento de Cristo a partir de noroeste





Planta

Alçado principal



de oito panos, sob a qual está o altar. A nave circundante, de secção circular, é coberta por abóbada de berço dividida por dezasseis arcos torais de volta perfeita. A ocidente ergue-se a nave manuelina que eliminou duas das faces da nave circular românica.

No interior da igreja, o alçado do octógono central é composto por dois registos. O inferior apresenta um complexo e sofisticado jogo de molduras que se adossam aos pilares onde pontuam capitéis de motivos fitomórficos e animalistas. No registo superior abrem-se frestas coroadas ora por arco de volta perfeita, ora por uma moldura polilobada. Entre os capitéis do octógono central destaca-se o que figura Daniel na Cova dos Leões, principalmente pela sua qualidade plástica. É ainda de referir a existência de uma escada interior, construída na espessura dos muros, que liga o piso térreo ao terraço. A função militar da escada e da própria igreja tem sido defendida por alguns autores que consideram que a rotunda templária integrava o sistema defensivo do perímetro amuralhado. Todavia, é de salientar que na obra românica era frequente a construção de escadas no interior dos muros de forma a permitir

o acesso às parcelas mais altas da construção e à sua manutenção. Na sé do Porto, junto à capela-mor, conserva-se uma escada em caracol embebida na espessura murária. Em São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) encontramos este sistema no interior da fachada ocidental.

A charola de Tomar será alvo de importantes intervenções na época manuelina quando recebe policromia nas arcadas, capitéis, colunas, bases e outras peças, e revestimentos em estuque e guadamecil de capitéis, arcos e colunas românicas. Um rico programa decorativo, que inclui pintura e escultura, a ligação da capela ao terreiro e a abertura de um arco que permite o acesso ao amplo coro da nave, então construído, são os exemplos mais relevantes dessas alterações. A decoração da abóbada do corpo octogonal em pintura, que simula elementos arquitetónicos em ligação com a heráldica manuelina e com a representação de figuras humanas e animais, conferiu à charola um programa de grande impacto visual. Na parte superior dos muros do tambor central foi pintado um programa cristocêntrico com as *arma christi* apresentadas por anjos. A exuberância e a qualidade artística da intervenção manuelina

Charola. Alçado sudeste

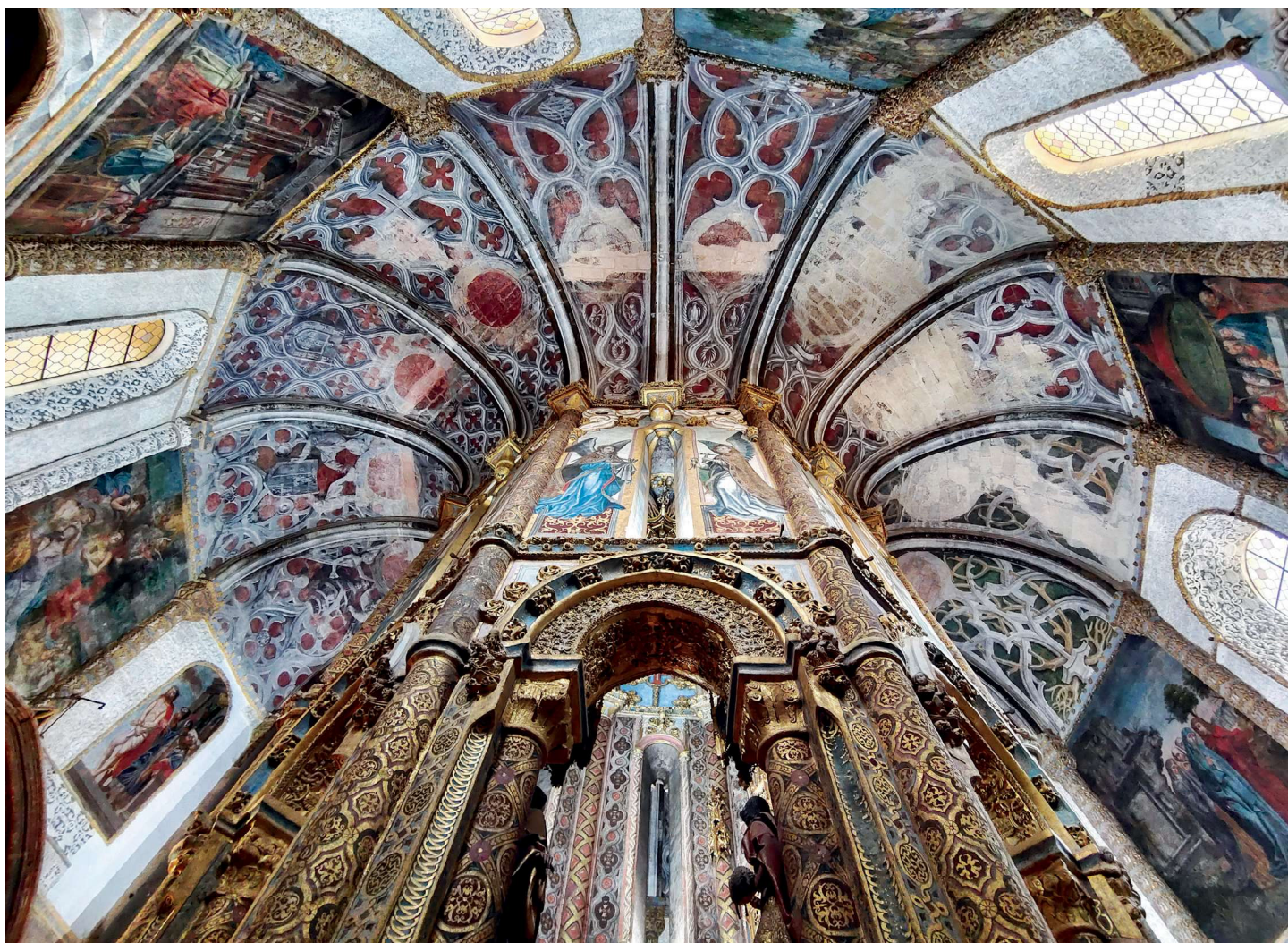




*Interior.
Nave circundante*



Interior. Arco
de ingresso
para a nave
circular
românica a
partir da nave
manuelina



Interior. Nave circundante. Abóbada

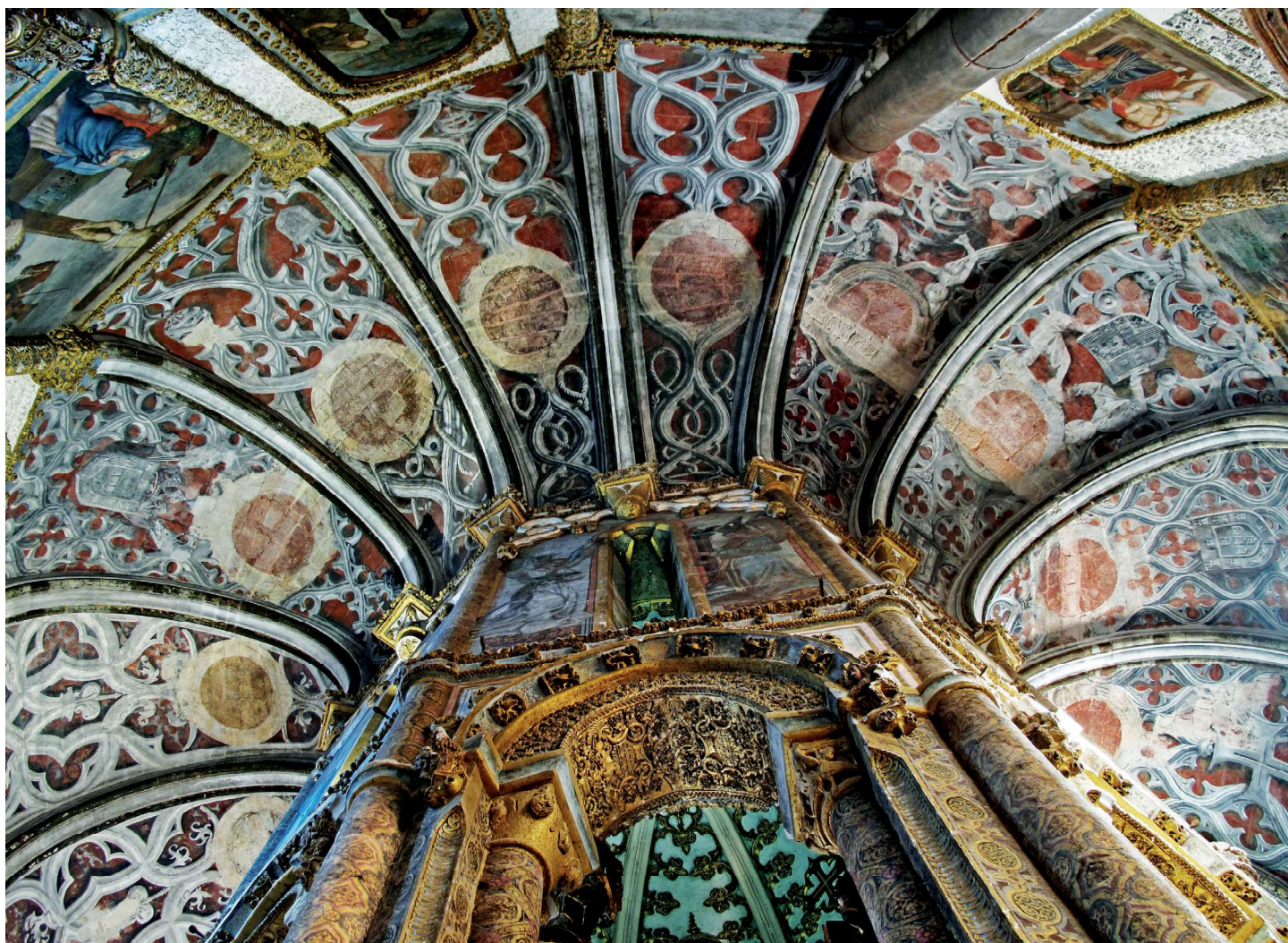
tornaram-se dominantes na percepção que hoje temos da charola românica. Segundo Paulo Pereira o programa manuelino teve como principal motivação promover uma associação simbólica entre o rei D. Manuel I e Cristo, fixando uma narrativa mística e uma visão providencial para o monarca. A leitura iconológica que o autor faz do programa artístico manuelino revela uma intervenção pautada por um discurso messiânico de propaganda régia.

Segundo C. A. Ferreira de Almeida, no panorama europeu da arquitetura medieval da Ordem do Templo, a capela castreal do Convento de Tomar ocupa um importante lugar, dado o seu bom estado de conservação e, principalmente, devido às soluções da sua planta centralizada e à sua sugestiva espacialidade interior.

De acordo com o que tem sido proposto por vários autores, como Manuel Real, G. Graf, C. A. Ferreira de Almeida e Mário Barroca, a construção do templo teve duas fases distintas. O octógono central terá sido construído ainda em

vida de Gualdim Pais (†1195), Mestre da Ordem do Templo em Portugal desde [1156-1157], regressado do oriente em 1156, que iniciou a construção do castelo em 1160, como garante a epígrafe gravada no lintel do portal da torre de menagem. A construção do octógono, pelo menos até ao nível do seu primeiro andar, ter-se-ia iniciado entre 1170 e 1175 prolongando-se até 1190. Segundo Mário Barroca, a interrupção da construção poderá dever-se ao cerco almóada de 1190, na sequência do qual a região de Tomar mergulhou numa grave crise económica. A segunda fase das obras, mais visível na nave circular, só ficaria concluída no século XIII, considerados os elementos goticizantes que a caracterizam, tese defendida por C. A. Ferreira de Almeida.

Os argumentos aduzidos para a existência de duas fases são de índole histórica – a interrupção devida ao cerco almóada – construtiva e estilística. Santos Simões (1942-43) registou diferenças consideráveis na distribuição e tipologia das siglas, tendo deduzido dessa análise



Interior. Nave circundante. Pormenor da abóbada

uma construção interrompida e lenta. As suas anotações, atualmente conservadas no espólio que a família legou ao Museu Nacional do Azulejo, foram seguidas por Aarão de Lacerda (1942) Manuel Real (1974) e G. Graf (1986). Todavia, a extensa campanha de limpeza e requalificação levada a cabo nas duas primeiras décadas do século XXI, logrou um levantamento exaustivo de *circa* de oitenta siglas existentes no interior da rotunda templária. Segundo L. U. Afonso este levantamento permitiu verificar que existe uma continuidade construtiva, não se constatando qualquer hiato relevante nas marcas de canteiro. A escada incorporada no interior das paredes confirma a continuidade da construção, concluindo-se ainda que os seus silhares apresentam as mesmas siglas encontradas no interior da igreja. Na abóbada do octógono central, as siglas registadas também são semelhantes às dos muros da igreja.

No que diz respeito ao perfil distinto das frestas do octógono, de volta perfeita e trilobado, que tem sido

argumento para a tese da construção em duas fases distintas, uma românica e outra goticizante, as obras permitiram verificar que o perfil polilobado foi aberto em data posterior à construção original, possivelmente na campanha manuelina, como afirma L. U. Afonso.

A semelhança dos capitéis, bases e impostas da designada primeira fase com os modelos utilizados na Sé-Velha de Coimbra no último terço do século XIII tem sido o argumento de índole estilística utilizado pelos autores que dividem a construção em duas fases bem distintas, opinião veiculada por Manuel Real e C. A. Ferreira de Almeida, entre outros.

De facto, o octógono central mostra nas bases, impostas, capitéis e modinaturas, modelos muito semelhantes aos da sé coimbrã. A segunda fase das obras, patente na nave circular, datará já do século XIII, como já foi referido.

Mais recentemente, e tendo como argumento o levantamento sistemático das siglas bem como a intervenção que alterou as frestas originais do octógono, L. U. Afonso



Interior. Perspetiva do octógono central a partir da nave circundante



Interior do octógono central

propôs uma diversa cronologia para a obra da rotunda. Trazendo para a sua argumentação as semelhanças estilísticas com a catedral de Coimbra, a situação militar na Terra Santa (perda de Jerusalém em 1187) e de Portugal (posteriormente ao cerco de Tomar em 1190), considera o autor que a obra da charola terá sido iniciada nos últimos anos do século XII ou mesmo no início do século XIII, tendo-se prolongado por duas décadas. Argumenta ainda que esta cronologia é compatível com a data de construção da igreja, hoje arruinada, de Chateau Pelerin (Atilt, Israel), a primeira igreja de planta centralizada edificada pelos templários na Terra Santa.

O motivo da adoção do modelo de planta centralizada do templo de Tomar tem dividido os autores. São inevitáveis as referências aos modelos do *Santo Sepulcro* e ao *Templum Dominum*, a Cúpula do Rochedo. Segundo a interpretação de C. A. Ferreira de Almeida, no caso de Tomar, a simbólica do seu traçado e dos oito pilares de

sustentação da abóbada central, equivalentes aos do Templo de Jerusalém, que na numerologia do tempo significavam a Páscoa e a Ressurreição, colocam esta charola dentro do grupo de edifícios românicos que mais pretenderam imitar o Santo Sepulcro.

L. U. Afonso nota as óbvias semelhanças formais entre a charola e os dois principais monumentos cristãos de Jerusalém acima referidos. Todavia, refere que as semelhanças não significam "que se procurasse uma identificação única e absoluta com esses edifícios, algo perfeitamente impossível do ponto de vista material, litúrgico e religioso". Conclui que o que importava sublinhar era a ligação do "ramo local do Templários à Cidade Santa de Jerusalém, onde esta ordem militar tivera a sua sede, da qual o *Santo Sepulcro* e o *Templum Dominum* eram os principais símbolos". No contexto de uma fase crítica do ponto de vista militar (em Jerusalém e Portugal) a rotunda evidenciava a manutenção do compromisso dos Templários com o resgate dos lugares

Arcos e abóbada do octógono central





Abóbada nervurada do octógono central

sagrados do cristianismo. Partindo do princípio que o templo de Tomar integrava as estruturas castrenses, entendendo mesmo que a rotunda participava da dupla função religiosa e militar, L. U. Afonso defende que a implantação da igreja, num dos extremos do perímetro amuralhado do castelo, fazem da *igreja-torre* uma componente fundamental desse mesmo sistema defensivo. Esta natureza híbrida

encontra paralelo numa outra igreja-torre templária, a de Chastel Blanc (Safhita, Síria) construída à volta de 1170 ou de 1202, muito embora a sua planimetria seja retangular. A estrutura funcionava como igreja, ao nível do piso térreo, e como torre de menagem nos pisos superiores. Segundo H. Kennedy, que L. U. Afonso cita, nenhum outro edifício no oriente latino mostra de uma forma tão clara a inter-relação

entre *religious commitente and militar activity in the twelfth century as this mighty fortress church* como o exemplar de Chastel Blanc. Embora nos pareça que a hipótese avançada por L. U. Afonso seja de considerar, não podemos deixar de referir que a função militar da charola não se nos afigura muito clara. Como já tivemos oportunidade de referir, a existência de uma escada que garante a comunicação entre o nível térreo e a cobertura da rotunda, um dos argumentos que o autor apresenta para fundamentar a sua tese, não é exclusiva das construções de cariz religioso-militar.

A forma de rotunda arquitetónica, que teve diversas expressões na arquitetura, está muito relacionada ora com o plano dos batistérios, ora com a organização do espaço das construções funerárias como referiu Élie Lambert, autor que dedicou à rotunda de Tomar e à planta do mosteiro da Batalha uma atenção crítica.

Fazendo um balanço da historiografia sobre a arquitetura templária na Península Ibérica, Joan Fuguet Sans realça o papel desempenhado por Élie Lambert que, nos meados do século XX, amplamente se dedicou a este tema. O criterioso inventário realizado por Lambert levou-o a concluir que a incidência da planta centralizada nas construções da encomenda da Ordem do Templo é muito

reduzida. Com exceção de alguns exemplares, tanto no oriente como no ocidente, os templos encomendados pelos cavaleiros da Ordem do Templo adotaram, maioritariamente, a planta retangular, enquanto grande parte dos templos de planta centralizada, atribuídos aos Templários em França e em Espanha, foram capelas destinadas a uma função funerária. O trabalho de Lambert teve também o mérito de libertar os estudos sobre a arquitetura templária da áurea mítica que, desde o Romantismo, envolvia a Ordem do Templo e as suas construções religiosas e militares.

Segundo P. L. Huerta Huerta as igrejas de planta centralizada não podem ser consideradas uma exceção no panorama da arquitetura românica europeia. Entre as mais de oitenta capelas inventariadas na Hungria, erigidas entre os séculos X e XII, as dezenas de templos, planimetricamente similares, em França e em Itália e os exemplos contabilizados em Espanha – três em Navarra, (Torres del Rio, Eunat e a Capela do Espírito Santo de Roncevalles) um em Castilla e Léon (Vera Cruz de Segóvia), e cerca de onze na Catalunha – o autor sublinha que nem a planta centralizada foi exclusiva da Ordem do Templo, nem as igrejas construídas pelos templários adotaram sempre esta estrutura.

Interior. Nave circundante. Capitéis da abóbada



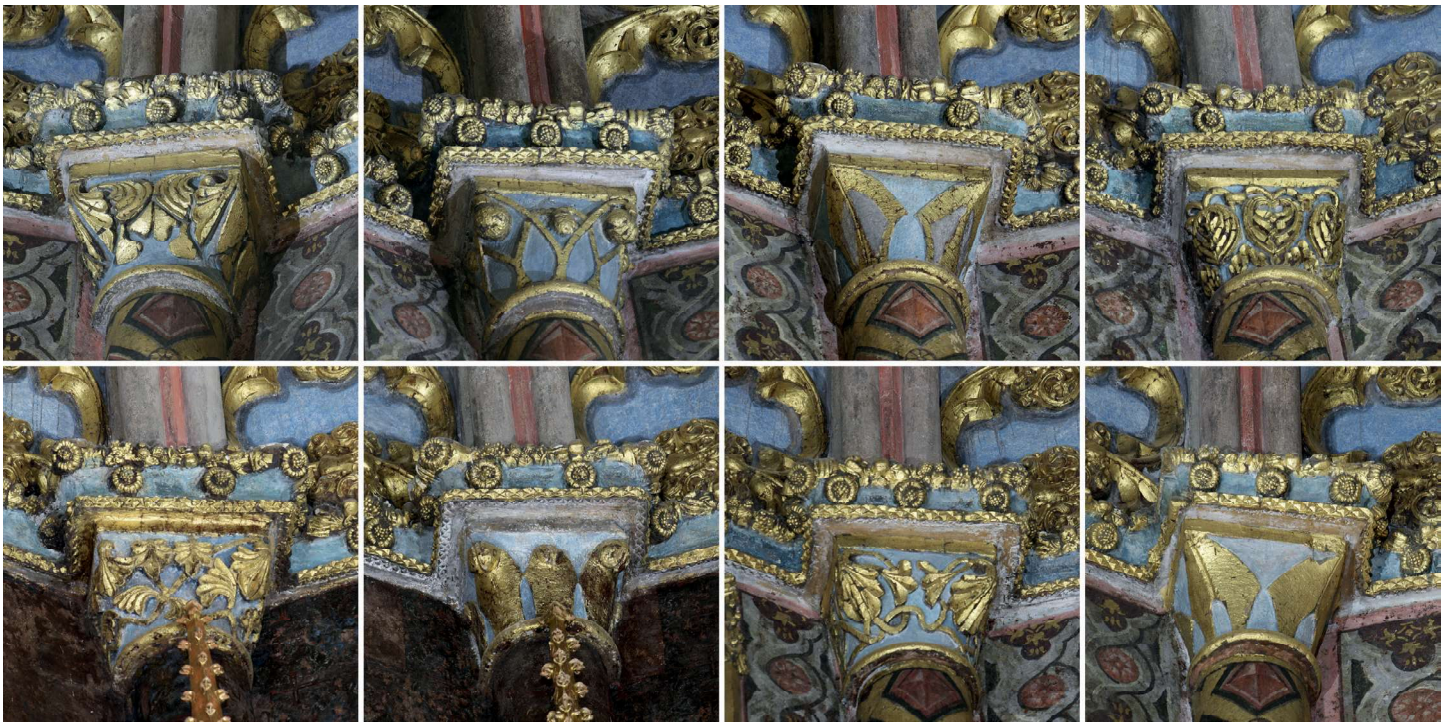


Octógono central. Capitéis dos arcos do registo inferior

Contudo, não há dúvida que um conjunto importante de templos que adotaram a planta centralizada tem como denominador comum uma função funerária. Segundo Huerta e Huerta, esta tipologia evoca a *Anastasis* de Jerusalém de forma muito abstrata, não equivalendo a uma cópia do Santo Sepulcro. A sua utilização deve ser entendida como uma recordação alegórica "que no implicava

necessariamente un conocimiento visual de la rotonda de Jerusalén, ni por los criadores ni por los comitentes" embora este autor considere que em alguns casos terá havido um conhecimento direto do Templo de Jerusalém, sobretudo por parte das Ordens Militares.

Como salientou Krautheimer, o primeiro autor que se dedicou à iconografia da arquitetura medieval num texto



Octógono central. Capitéis das nervuras da abóbada

fundador publicado em 1942, as cópias na arquitetura da época medieval não devem ser entendidas no sentido moderno do termo. Anteriormente ao século XIII, os arquitetos selecionavam elementos distintos de um modelo aplicando-os em outras construções de diversas formas. Krautheimer aborda justamente um grupo de edifícios que teriam derivado da igreja do Santo Sepulcro. A capela funerária de São Miguel de Fulda (Hesse, 820-822) lembra a rotunda de Jerusalém com o seu altar rodeado por um círculo de colunas e um deambulatório, estando disposta ao centro uma estrutura que emulava o túmulo de Cristo. A epígrafe do altar, como notou E. Valdez de Alamo, reforçava a ligação entre as duas construções: *Hoc altare deo dedicatum ex máxime Christo/Cuius hic tumulus nosta sepulcra juvat*. Outros exemplos referidos por Krautheimer são as igrejas de Lanleff (Caen), hoje parcialmente arruinada, e a igreja do Santo Sepulcro em Cambridge. Os elementos que as agrupam são a planta centralizada, ora circular ora poligonal, o deambulatório separado por colunas do espaço central, a estrutura colocada ao centro e a dedicação ao Santo Sepulcro. E. Valdez de Alamo traz para a discussão uma igreja que não foi referida por Krautheimer, a igreja da Vera Cruz de Segovia identificada por Roger Stanley e dedicada originalmente ao Santo Sepulcro. Concebida para evocar a *Anastasis*, a sua construção é atribuída aos Cavaleiros do Santo Sepulcro, embora não exista evidência documental que fundamente esta atribuição. A charola de

Tomar, conforme expressa Huerta Huerta, corresponde ao exemplo que mais se aproxima da Igreja de Vera Cruz de Segóvia, templo de complexa morfologia, consagrado em 1208. De planta centralizada, exteriormente dodecagonal e com contrafortes pouco profundos, a igreja segoviana apresenta uma cabeceira de abside e absidiolos de planta semicircular. Todavia, o que mais se destaca neste templo, na sua relação com Tomar, é o alçado da edícula central do interior composta por doze panos e dois pisos, muito embora o piso superior corresponda a uma capela, o que não acontece na charola do Convento de Cristo.

A utilização da planta centralizada tem uma longa diacronia e uma larga utilização. Em Portugal, da época gótica data a Capela dos Mestres, adossada à igreja do Senhor dos Mártires de Alcácer do Sal (Setúbal), conjunto construído pela Ordem Militar de Santiago. A Capela dos Mestres é um pequeno templo de planta centralizada destinado a panteão dos mestres da Ordem. Erguida em 1333 por iniciativa de D. Garcia Peres, a capela tem uma planta octogonal coberta por abóbada de cruzaria de ogivas, testemunhando a tradição europeia da conotação funerária que a planta centralizada tem, desde a Antiguidade. Este exemplar é uma das três edificações góticas, que chegaram até nós, que conjugam a função funerária, a planta centralizada e a utilização de um espaço octogonal.

Adossada ao lado sul da igreja do mosteiro da Batalha (Leiria), a Capela do Fundador estava concluída em 1434.

Destinada a panteão de D. João I, da rainha D. Filipa de Lencastre e dos seus filhos, a capela segue o modelo de planta centralizada. É composta por um quadrilátero no centro do qual se ergue um octógono assente em pilares e coberto por uma abobada em estrela. De grande qualidade arquitetónica e construtiva, este espaço funerário da dinastia de Avis utiliza, tal como na Charola de Tomar, um octógono abobadado sob o qual foi colocado o duplo túmulo de D. João I e D. Filipa de Lencastre. Começado a erguer em 1436, o panteão de D. Duarte habitualmente designado de *Capelas Imperfeitas*, construído a oriente da cabeceira da igreja, apresenta igualmente uma planta centralizada que inclui um amplo octógono central destinado a ser coberto por uma abóbada que não chegou a ser construída. É significativo que nestes exemplares de arquitetura funerária se utilize a planta octogonal, como acontece no corpo central da Charola de Tomar.

Embora considere, como Lambert, que a utilização da planta centralizada nos templos tem uma relação direta com os planos dos batistérios e os edifícios de função funerária, C. A. Ferreira de Almeida realçou que, a partir do século XII e até à época moderna, aquela organização do

espaço tem uma clara conotação com o Santo Sepulcro. É por esta razão que os edifícios dedicados à Vera Cruz, ao Bom Jesus ou ao Calvário, começam a utilizar sistematicamente a planta centralizada.

Texto: LCR - Fotos: JNG

Planos: TCF/FSMLR/PA (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2014, pp. 30 e 33-37; AFONSO, L.U., 2016, pp. 78-79; AFONSO, L.U., 2018, pp. 226 e 240-242; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 29 e 118; ALMEIDA, C.A.F., 2001, pp. 138-139; ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J., 2002, p. 68; BARROCA, M.J., 1996-97, pp. 171-209; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 104 (de 1160, março, 1); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 122 (de 1160) e Insc. n.º 123 (de 1160, março, 1); DIAS, A.C., 2012, pp. 301-312; DIAS, P., 2002, p. 87; FUCUET SANS, J., 2007, p. 10; GRAF, G., 1986-87, I, p. 207; HERMANDO GARRIDO, J.L. e WESSEL, H., 2007, pp. 1539-1553; HUERTA HUERTA, P.L., 2004, pp. 49-51 e 64-65; KENNEDY H., 1994, pp. 140-141; KRAUTHHEIMER, R., 1942, pp. 1-33; LACERDA, A., 1942-53, I, pp. 364-365; LAMBERT, E., 1940, pp. 588-602; MARTÍNEZ DE AGUIRRE, J., 2009, pp. 111-148; PEREIRA, P., 1990, pp. 123-124 e 152-153; REAL, M.L., 1974, pp. 351-353; ROSAS, L.M.C. e BOTELHO, M.L., 2010, pp. 271-282; SILVA, J.C.V., 1995b, pp. 234-238; SILVA, J.C.V., 1997, p. 50; VALDEZ DEL ALAMO, E., 2016, pp. 382-383.

Igreja de São João Batista

PARA ACEDER À IGREJA de São João Batista deverá entrar na cidade em direção à avenida Norton de Matos, atravessar a ponte do rio Nabão e na rotunda seguir em frente pela avenida Dr. Cândido Madureira. Mais à frente virar à direita para a avenida Dr. Vieira Guimarães e novamente à direita para a rua Pé da Costa de Baixo. Cerca de 150m à frente virar à direita em direção à rua Dr. Joaquim Jacinto e depois à esquerda para a rua da Infantaria 15. Virar depois à direita e chega-se à rua de São João localizando-se a igreja à esquerda. Na Praça da República podemos admirar, além da igreja de São João Batista, a estátua sobre pedestal de cantaria de D. Gualdim Pais, mestre Templário responsável pela edificação do castelo de Tomar, e o edifício da Câmara Municipal.

A antiga freguesia de São João Batista de Tomar foi agregada à freguesia de Santa Maria do Olival após a reorganização administrativa de 2013, passando a designar-se União das Freguesias de Tomar (São João Batista) e Santa Maria dos Olivais. No perímetro da antiga freguesia de São João Batista de Tomar localizam-se o Convento de Cristo, o castelo de Tomar e a Igreja de São João Batista.

A atual igreja de São João Batista foi construída por ordem de D. Manuel, administrador da Ordem de Cristo

e rei de Portugal, em 1511, sendo incerta a data de uma construção preexistente. Nem as Inquirições régias do século XIII, nem o Catálogo das igrejas, mosteiros e comendas do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, fazem qualquer referência à igreja de São João Batista.

Vieira Guimarães faz remontar ao reinado de D. João II a edificação do atual templo, em virtude de detetar a representação do pelicano, divisa adotada pelo Príncipe Perfeito, na porta lateral norte.

O *Tombo dos bens, rendas e direitos que a Mesa Mestral da Ordem de Cristo tem nas vilas de Tomar e Pias e seus termos* foi ordenado por D. João III em 1542. Este livro inclui diversos tombos, entre os quais o da igreja de São João Batista. Segundo Pedro Álvares Seco, cronista da Ordem de Cristo e autor do referido livro, na segunda metade do século XVI, a igreja foi mandada reedificar por D. Manuel, na praça da vila, atribuindo-lhe um regimento em 1511, acrescentado por D. João III em 1532. Anteriormente, e segundo o mesmo cronista, esta igreja era regida por um livro, ordenado em 1474, por Frei Pedro de Abreu, seu vigário, onde foram registadas todas as escrituras de bens e direitos da referida vigairaria e os encargos do respetivo vigário. O documento de 1474 refere expressamente o "alpendre de